

EÇA DE QUEIRÓS

A ILUSTRE CASA DE RAMIRES



CAPÍTULO

1

Desde as quatro horas da tarde, no calor e silêncio do domingo de junho, o Fidalgo da Torre, em chinelos, com uma quinzena de linho envergada sobre a camisa de chita cor-de-rosa, trabalhava. Gonçalo Mendes Ramires (que naquela sua velha aldeia de Santa Ireneia, e na vila vizinha, a asseada e vistosa Vila-Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos conheciam pelo «Fidalgo da Torre») trabalhava numa novela histórica, «A Torre de D. Ramires», destinada ao primeiro número dos «Anais de Literatura e de História», revista nova, fundada por José Lúcio Castanheiro, seu antigo camarada de Coimbra, nos tempos do Cenáculo Patriótico, em casa das Severinas.

A livraria, clara e larga, escaiolada de azul, com pesadas estantes de pau-preto onde repousavam, no pó e na gravidade das lombadas de carneira, grossos fólhos de convento e de foro, respirava para o pomar por duas janelas, uma de peitoril e poiais de pedra almofadados de veludo, outra mais rasgada, de varanda, frescamente perfumada pela madressilva, que se enroscava nas grades. Diante dessa varanda, na claridade forte, pousava a mesa — mesa imensa de pés torneados, coberta com uma colcha desbotada de damasco vermelho, e atravancada nessa tarde pelos rijos volumes da «História Genealógica», todo o «Vocabulário» de Bluteau, tomos soltos do «Panorama», e ao canto, em pilha, as obras de Walter Scott, sustentando um

copo cheio de cravos amarelos. E daí, da sua cadeira de couro, Gonçalo Mendes Ramires, pensativo diante das tiras de papel almaço, roçando pela testa a rama da pena de pato, avistava sempre a inspiradora da sua novela — a Torre, a antiquíssima Torre, quadrada e negra sobre os limoeiros do pomar que em redor crescera, com uma pouca de hera no cunhal rachado, as fundas frestas gradeadas de ferro, as ameias e a miradoura bem cortadas no azul de junho, robusta sobrevivência do Paço acastelado, da falada Honra de Santa Ireneia, solar dos Mendes Ramires desde os meados do século x.

Gonçalo Mendes Ramires (como confessava esse severo genealogista, o morgado de Cidadelhe) era certamente o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal. Raras famílias, mesmo coevas, poderiam traçar a sua ascendência, por linha varonil e sempre pura, até aos vagos senhores que entre Douro e Minho mantinham castelo e terra murada, quando os barões francos desceram, com pendão e caldeira, na hoste do «Borguinhão». E os Ramires entroncavam limpidamente a sua casa, por linha pura e sempre varonil, no filho do conde Nuno Mendes, aquele agigantado Ordonho Mendes, senhor de Treixedo e de Santa Ireneia, que casou em 967 com Dona Elduara, condessa de Carrion, filha de Bermudo, «o Gotoso», rei de Leão.

Mais antigo na Espanha que o Condado Portucalense, rijamente como ele crescera e se afamara o Solar de Santa Ireneia — resistente como ele às fortunas e aos tempos. E depois, em cada lance forte da história de Portugal, sempre um Mendes Ramires avultou grandiosamente pelo heroísmo, pela lealdade, pelos nobres espíritos. Um dos mais esforçados da linhagem, Lourenço, por alcunha «o Cortador», colação de Afonso Henriques (com quem na mesma noite, para receber a pranchada de cavaleiro, velara as armas na Sé de Zamora), aparece logo na batalha de Ourique, onde também avista Jesus Cristo sobre

finas nuvens de ouro, pregado numa cruz de dez côvados. No cerco de Tavira, Martim Ramires, freire de Santiago, arromba a golpes de acha um postigo da Couraça, rompe por entre as cimitarras que lhe decepam as duas mãos, e surde na quadrela da torre albarrã com os dois pulsos a esguichar sangue, brandando alegremente ao Mestre: «D. Paio Peres, Tavira é nossa! Real, real por Portugal!» O velho Egas Ramires, fechado na sua Torre, com a levadiça erguida, as barbacãs eriçadas de frecheiros, nega acolhida a el-rei D. Fernando e Leonor Teles que corriam o Norte em folgares e caçadas — para que a presença da *adúltera* não macule a pureza extreme do seu solar! Em Aljubarrota, Diogo Ramires, «o Trovador», desbarata um troço de besteiros, mata o adiantado-mor de Galiza, e por ele, não por outro, cai derribado o pendão real de Castela, em que ao fim da lide seu irmão de armas, D. Antão de Almada, se embrulhou para o levar, dançando e cantando, ao Mestre de Avis. Sob os muros de Arzila combatem magnificamente dois Ramires, o idoso Sueiro e seu neto Fernão, e diante do cadáver do velho, trespassado por quatro viotes, estirado no pátio da alcáçova ao lado do corpo do conde de Marialva — Afonso V arma juntamente cavaleiros o príncipe seu filho e Fernão Ramires, murmurando entre lágrimas: «Deus vos queira tão bons como esses que aí jazem!...» Mas eis que Portugal se faz aos mares! E raras são então as armadas e os combates do Oriente em que se não esforce um Ramires — ficando na lenda trágico-marítima aquele nobre capitão do golfo Pérsico, Baltasar Ramires, que, no naufrágio da «Santa Bárbara», reveste a sua pesada armadura, e no castelo de proa, hirto, se afunda em silêncio com a nau que se afunda, encostado à sua grande espada. Em Alcácer Quibir, onde dois Ramires sempre ao lado de el-rei encontram morte soberba, o mais novo, Paulo Ramires, pajem do guião, nem leso nem ferido, mas não querendo mais vida

pois que el-rei não vivia, colhe um ginete solto, apanha uma acha de armas, e gritando: «Vai-te, alma, que já tardas, servir a de teu senhor!», entra na chusma mourisca e para sempre desaparece. Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras. Reaparecendo com os Braganças, um Ramires, Vicente, governador das armas de Entre Douro e Minho por D. João IV, mete a Castela, destroça os espanhóis do conde de Venavente, e toma Fuente Guiñal, a cujo furioso saque preside da varanda de um convento de franciscanos, em mangas de camisa, comendo talhadas de melancia. Já, porém, como a nação, degenera a nobre raça... Álvaro Ramires, valido de D. Pedro II, brigão façanhudo, atordoia Lisboa com arruaças, furta a mulher de um vedor da Fazenda que mandara matar à paulada por pretos, incendeia em Sevilha, depois de perder cem dobrões, uma casa de tavalagem, e termina por comandar uma urca de piratas na frota de Murad, «o Maltrapilho». No reinado do senhor D. João V, Nuno Ramires brilha na Corte, ferra as suas mulas de prata, e arruína a casa celebrando sumptuosas festas de igreja, em que canta no coro vestido com o hábito de irmão terceiro de S. Francisco. Outro Ramires, Cristóvão, presidente da Mesa de Consciência e Ordem, alcovita os amores de el-rei D. José I com a filha do prior de Sacavém.

Pedro Ramires, provedor e feitor-mor das Alfândegas, ganha fama em todo o Reino pela sua obesidade, a sua chalaça, as suas proezas de glutão no Paço da Bemposta com o arcebispo de Tessalonica. Inácio Ramires acompanha D. João VI ao Brasil como reposteiro-mor, negocia em negros, volta com um baú carregado de peças de ouro que lhe rouba um administrador, antigo frade capuchinho, e morre no seu solar da cornada de um boi. O avô de Gonçalo, Damião, doutor liberal dado às Musas, desembarca com D. Pedro no Mindelo, compõe as empoladas proclamações do Partido, funda

um jornal, o «Antifrade», e depois das Guerras Civis arrasta uma existência reumática em Santa Ireneia, embrulhado no seu capotão de briche, traduzindo para vernáculo, com um léxico e um pacote de simonte, as obras de Valerius Flaccus. O pai de Gonçalo, ora regenerador, ora histórico, vivia em Lisboa no Hotel Universal, gastando as solas pelas escadarias do Banco Hipotecário e pelo lajedo da Arcada, até que um ministro do Reino, cuja concubina, corista de S. Carlos, ele fascinara, o nomeou (para o afastar da capital) governador civil de Oliveira. Gonçalo, esse, era bacharel formado com um R no terceiro ano.

E nesse ano justamente se estreou nas Letras Gonçalo Mendes Ramires. Um seu companheiro de casa, José Lúcio Castanheiro, algarvio muito magro, muito macilento, de enormes óculos azuis, a quem Simão Craveiro chamava o «Castanheiro Patriotinheiro», fundara um semanário, a «Pátria» — «com o alevantado intento (afirmava sonoramente o prospeto) de despertar, não só na mocidade académica, mas em todo o país, do cabo Sileiro ao cabo de Santa Maria, o amor tão arrefecido das belezas, das grandezas e das glórias de Portugal!» Devorado por essa ideia, «a sua Ideia», sentindo nela uma carreira, quase uma missão, Castanheiro incessantemente, com ardor teimoso de apóstolo, clamava pelos botequins da Sofia, pelos claustros da Universidade, pelos quartos dos amigos entre a fumaça dos cigarros, «a necessidade, caramba, de reatar a tradição!, de desatulhar, caramba, Portugal da aluvião do estrangeirismo!» — Como o semanário apareceu regularmente durante três domingos, e publicou realmente estudos recheados de grifos e citações sobre as *Capelas da Batalha*, a *Tomada de Ormuz*, a *Embaixada de Tristão da Cunha*, começou logo a ser considerado uma aurora, ainda pálida mas segura, de Renascimento Nacional. E alguns bons espíritos da Academia, sobretudo os

companheiros de casa do Castanheiro, os três que se ocupavam das coisas do saber e da inteligência (porque dos três restantes um era homem de cacete e forças, o outro guitarrista, e o outro «premiado»), passaram, aquecidos por aquela chama patriótica, a esquadrihar na Biblioteca, nos grossos tomos nunca de antes visitados de Fernão Lopes, de Rui de Pina, de Azurara, proezas e lendas — «só portuguesas, só nossas (como suplicava o Castanheiro), que refizessem à nação abatida uma consciência da sua heroicidade!» Assim crescia o Cenáculo Patriótico da casa das Severinas. E foi então que Gonçalo Mendes Ramires, moço muito afável, esbelto e louro, de uma brancura sã de porcelana, com uns finos e risonhos olhos que facilmente se enterneciam, sempre elegante e apurado na batina e no verniz dos sapatos — apresentou ao Castanheiro, num domingo depois do almoço, onze tiras de papel intituladas «D. Guiomar». Nelas se contava a velhíssima história da castelã que, enquanto longe nas guerras do Ultramar o castelão barbudo e cingido de ferro atira a acha de armas às portas de Jerusalém, recebe ela na sua câmara com os braços nus, por noite de maio e de lua, o pajem de anelados cabelos... Depois ruge o inverno, o castelão volta, mais barbudo, com um bordão de romeiro. Pelo vílico do castelo, homem espreitador e de amargos sorrisos, conhece a traição, a mácula no seu nome tão puro, honrado em todas as Espanhas! E ai do pajem! ai da dama! Logo os sinos tangem a finados! Já no patim da alcáçova o verdugo, de capuz escarlate, espera, encostado ao machado, entre dois cepos cobertos de panos de dó... E no final choroso da «D. Guiomar», como em todas essas histórias do Romanceiro de Amor, também brotavam rente às duas sepulturas, escavadas no ermo, duas roseiras brancas a que o vento enlaçava os aromas e as rosas. De sorte que (como notou José Lúcio Castanheiro, coçando pensativamente o queixo) não ressaltava nesta «D. Guiomar»

nada que fosse «só português, só nosso, abrolhando do solo e da raça!» Mas esses amores lamentosos passavam num solar de Ribacoa: os nomes dos cavaleiros, Remarigues, Ordonho, Froilás, Gutierres, tinham delicioso sabor godo: em cada tira ressoavam bravamente os genuínos: «*Bofé!... Mentos pela gorja!... Pajem, o meu murzelo!...*»; e através de toda esta vernaculidade circulava uma suficiente turba de cavaliços com saios alvadios, beguinos sumidos na sombra das cogulas, ovençais sopesando fartas bolsas de couro, uchões esposteando nédios lombos de cerdo... A novela, portanto, marcava um salutar retrocesso ao sentimento nacional.

— E depois — acrescentava o Castanheiro — esse velhaco do Gonçalinho surde com um estilo terso, másculo, de boa cor arcaica... De ótima cor arcaica! Lembra até «O Bobo», «O Monge de Cister»!... A Guiomar, realmente, é uma castelã vaga, da Bretanha ou da Aquitânia. Mas no vilico, mesmo no castelão, já transparecem portugueses, bons portugueses de fibra e de alma, de entre Douro e Cávado... Sim senhor! Quando o Gonçalinho se enfronhar dentro do nosso passado, das nossas crónicas, temos enfim nas Letras um homem que sente bem o torrão, sente bem a raça!

«D. Guiomar» encheu três páginas da «Pátria». Nesse domingo, para celebrar a sua entrada na Literatura, Gonçalo Mendes Ramires pagou aos camaradas do Cenáculo e a outros amigos uma ceia — onde foi aclamado, logo depois do frango com ervilhas, quando os moços do Camolino, esbaforidos, renovavam as garrafas de Colares, como «o nosso Walter Scott!» Ele, de resto, anunciara já com simplicidade um romance em dois volumes fundado nos anais da sua Casa, num rude feito de sublime orgulho de Tructesindo Mendes Ramires, o amigo e alferes-mor de D. Sancho I. Por temperamento, por aquele saber especial de trajes e alfaias que revelara na «D. Guiomar»,

até pela antiguidade da sua linhagem, Gonçalinho parecia gloriosamente votado a restaurar em Portugal o Romance Histórico. Possuía uma missão — e começou logo a passear pela calçada, pensativo, com o gorro sobre os olhos, como quem anda reconstruindo um mundo. No ato desse ano levou o R.

Quando regressou das férias para o quarto ano, já não referia na Rua da Matemática o cenáculo ardente dos Patriotas. O Castanheiro, formado, vegetava em Vila Real de Santo António; com ele desaparecera a «Pátria» e os moços zelosos, que na Biblioteca esquadriavam as crônicas de Fernão Lopes e de Azurara, desamparados por aquele apóstolo que os levantava, recaíram nos romances de Georges Ohnet e retomaram à noite o taco nos bilhares da Sofia. Gonçalo voltava também mudado, de luto pelo pai, que morrera em agosto, com a barba crescida, sempre afável e suave, porém mais grave, avesso a ceias e a noites errantes. Tomou um quarto no Hotel Mondego, onde o servia, de gravata branca, um velho criado de Santa Ireneia, o Bento — e os seus companheiros preferidos foram três ou quatro rapazes que se preparavam para a Política, folheavam atentamente o «Diário das Câmaras», conheciam alguns enredos da Corte, proclamavam a necessidade de uma «orientação positiva» e de um «largo fomento rural», consideravam como leviandade reles e jacobina a irreverência da Academia pelos Dogmas, e, mesmo passeando ao luar no Choupal ou no Penedo da Saudade, discorriam com ardor sobre os dois chefes de partido — o Brás Vitorino, o homem novo dos Regeneradores, e o velho barão de S. Fulgêncio, chefe clássico dos Históricos. Inclinado para os Regeneradores, porque a Regeneração lhe representava tradicionalmente ideias de conservantismo, de elegância culta e de generosidade, Gonçalo frequentou então o Centro Regenerador da Couraça, onde aconselhava à noite, tomando chá preto, «o fortalecimento da autoridade da Coroa»,

e «uma forte expansão colonial!» Depois, logo na primavera, desmanchou alegremente esta gravidade política: e ainda tresnoitou, na taberna do Camolino, em bacalhoadas festivas, entre o estridor das guitarras. Mas não aludiu mais ao seu grande romance em dois volumes: e ou recuara ou se esquecera da sua missão de Arte Histórica. Realmente só na Páscoa do quinto ano retomou a pena — para lançar, na «Gazeta do Porto», contra um seu patrício, o Dr. André Cavaleiro, que o Ministério do S. Fulgêncio nomeara governador civil de Oliveira, duas correspondências muito acerbas, de um rancor intenso e pessoal (a ponto de chasquear «a feroz bigodeira negra de Sua Excelência»). Assinara «Juvenal», como outrora o pai, quando publicava comunicados políticos de Oliveira nessa mesma «Gazeta do Porto», jornal amigo, onde um Vilar Mendes, seu remoto parente, redigia a «Revista Estrangeira». Mas lera aos amigos no Centro «os dois botes decisivos que atirariam o Sr. Cavaleiro abaixo do seu cavalo!» E um desses moços sérios, sobrinho do bispo de Oliveira, não disfarçou o seu assombro:

— Oh Gonçalo, eu sempre pensei que você e o Cavaleiro eram íntimos! Se bem me lembro, quando você chegou a Coimbra, para os Preparatórios, viveu na casa do Cavaleiro, na Rua de S. João... Pois não há uma amizade tradicional, quase histórica, entre Ramires e Cavaleiros?... Eu pouco conheço Oliveira, nunca andei para os vossos sítios; mas até creio que Corinde, a quinta do Cavaleiro, pega com Santa Ireneia!

E Gonçalo enrugou a face, a sua risonha e lisa face, para declarar secamente que Corinde não pegava com Santa Ireneia: que entre as duas terras corria muito justificadamente a ribeira do Coice: e que o Sr. André Cavaleiro, e sobretudo Cavallo, era um animal detestável que pastava na outra margem!

— O sobrinho do bispo saudou e exclamou:

— Sim senhor, boa piada!

Um ano depois da Formatura, Gonçalo foi a Lisboa por causa da hipoteca da sua quinta de Praga, junto a Lamego, que certo foro anual de dez réis e meia galinha, devido ao abade de Praga, andava empecendo terrivelmente nos Conselhos do Banco Hipotecário; — e também para conhecer mais estreitamente o seu chefe, o Brás Vitorino, mostrar lealdade e submissão partidária, colher algum fino conselho de conduta política. Ora uma noite, voltando de jantar em casa da velha marquesa de Louredo, a «tia Louredo», que morava a Santa Clara, esbarrou no Rossio com José Lúcio Castanheiro, então empregado no Ministério da Fazenda, na repartição dos Próprios Nacionais. Mais defecado, mais macilento, com uns óculos mais largos e mais tenebrosos, o Castanheiro ardia todo, como em Coimbra, na chama da sua Ideia — «a ressurreição do sentimento português!» E agora, alargando a proporções condignas da capital o plano da «Pátria», labutava devotadamente na criação de uma revista quinzenal, de setenta páginas, com capa azul, os «Anais de Literatura e de História». Era uma noite de maio, macia e quente. E, passeando ambos em torno das fontes secas do Rossio, Castanheiro, que sobraçava um rolo de papel e um gordo fólio encadernado em bezerro, depois de recordar as cavaqueiras geniais da Rua da Misericórdia, de mal-dizer a falta de intelectualidade de Vila Real de Santo António — voltou sofregamente à sua Ideia, suplicou a Gonçalo Mendes Ramires que lhe cedesse para os «Anais» esse romance que ele anunciara em Coimbra, sobre o seu avoengo Tructesindo Ramires, alferes-mor de Sancho I.

Gonçalo, rindo, confessou que ainda não começara essa grande obra.

— Ah! — murmurou o Castanheiro, estacando, com os negros óculos sobre ele, duros e desconsolados. — Então você não persistiu?... Não permaneceu fiel à Ideia?...

Encolheu os ombros, resignadamente, já acostumado, através da sua missão, a estes desfalecimentos do Patriotismo. Nem consentiu que Gonçalo, humilhado perante aquela Fé que se mantivera tão pura e servidora — aludisse, como desculpa, ao inventário laborioso da Casa, depois da morte do papá...

— Bem, bem! Acabou! *Procrastinare lusitanum est*. Trabalha agora no verão... Para Portugueses, menino, o verão é o tempo das belas fortunas e dos rijos feitos. No verão nasce Álvares no Bonjardim! No verão se vence em Aljubarrota! No verão chega o Gama à Índia!... E no verão vai o nosso Gonçalo escrever uma novelazinha sublime!... De resto os «Anais» só aparecem em dezembro, caracteristicamente no Primeiro de Dezembro. E você em três meses ressuscita um mundo. Sério, Gonçalo Mendes!... É um dever, um santo dever, sobretudo para os novos, colaborar nos «Anais». Portugal, menino, morre por falta de sentimento nacional! Nós estamos imundamente morrendo do mal de não ser Portugueses!

Parou — ondeou o braço magro, como a correia de um látego, num gesto que açoutava o Rossio, a Cidade, toda a Nação. Sabia o amigo Gonçalinho o segredo desta borra-cheira sinistra? É que, dos Portugueses, os piores desprezavam a Pátria — e os melhores ignoravam a Pátria. O remédio?... Revelar Portugal, vulgarizar Portugal. Sim, amiguinho! Organizar, com estrondo, o reclamo de Portugal, de modo que todos o conheçam — ao menos como se conhece o Xarope Peitoral de James, hem? E que todos o adotem — ao menos como se adotou o sabão do Congo, hem? E conhecido, adotado, que todos o amem enfim, nos seus heróis, nos seus feitos, mesmo nos seus defeitos, em todos os seus padrões, e até nas veras pedrinhas das suas calçadas! Para esse fim, o maior a empreender neste apagado século da nossa História, fundava ele os «Anais». Para berrar! Para atroar Portugal, aos bramidos

sobre os telhados, com a notícia inesperada da sua grandeza! E aos descendentes dos que outrora fizeram o Reino incumbia, mais que aos outros, o cuidado piedoso de o refazer... Como? Reatando a tradição, caramba!

— Assim, vocês! Por essa História de Portugal fora, vocês são uma enfiada de Ramires de toda a beleza. Mesmo o desembargador, o que comeu numa ceia de Natal dois leitões!... É apenas uma barriga. Mas que barriga! Há nela uma pujança heroica que prova raça, a raça mais forte *do que promete a força humana*, como diz Camões. Dois leitões, caramba! Até enternecer!... E os outros Ramires, o de Silves, o de Aljubarrota, os de Arzila, os da Índia! E os cinco valentes, de quem você talvez nem saiba, que morreram no Salado! Pois bem, ressuscitar estes varões, e mostrar neles a alma façanhuda, o querer sublime que nada verga, é uma soberba lição aos novos... Tonifica, caramba! Pela consciência que renova de termos sido tão grandes, sacode este chocho consentimento nosso em permanecermos pequenos! É o que eu chamo reatar a tradição... E depois feito por você próprio, Ramires, que chique! Caramba, que chique! É um fidalgo, o maior fidalgo de Portugal, que, para mostrar a heroicidade da Pátria, abre simplesmente, sem sair do seu solar, os arquivos da sua Casa, velha de mais de mil anos. É de rachar!... E você não precisa fazer um grosso romance... Nem um romance muito desenvolvido está na índole militante da revista. Basta um conto, de vinte ou trinta páginas... Está claro, os «Anais» por ora não podem pagar. Também, você não precisa! E que diabo!, não se trata de pecúnia, mas de uma grande renovação social... E depois, menino, a literatura leva a tudo em Portugal. Eu sei que o Gonçalo em Coimbra, ultimamente, frequentava o Centro Regenerador. Pois, amigo, de folhetim em folhetim, se chega a S. Bento! A pena agora, como a espada outrora, edifica reinos... Pense você nisto! E adeus!

que ainda hoje tenho de copiar, para letra cristã, este estudo do Henriques sobre Ceilão... Você não conhece o Henriques?... Não conhece. Ninguém conhece. Pois quando na Europa, nessas grandes Academias da Europa, há uma dúvida sobre a História ou a Literatura cingalesa, gritam para cá, para o Henriques!

Abalou, agarrado ao seu rolo e ao seu tomo — e Gonçalo ainda o avistou, na porta e claridade da Tabacaria Nunes, agitando o braço esguio de apóstolo diante de um sujeito obeso, de vasto colete branco, que recuava, com espanto, assim perturbado no quieto gozo do seu grosso charuto e da doce noite de maio.

O Fidalgo da Torre recolheu para o Bragança, impressionado, ruminando a ideia do Patriota. Tudo nela o seduzia — e lhe convinha: a sua colaboração numa revista considerável, de setenta páginas, em companhia de escritores doutos, lentes das Escolas, antigos ministros, até conselheiros de Estado: a antiguidade da sua raça, mais antiga que o Reino, popularizada por uma história de heroica beleza, em que, com tanto fulgor, ressaltavam a bravura e a soberba de alma dos Ramires; e enfim a seriedade académica do seu espírito, o seu nobre gosto pelas investigações eruditas, aparecendo no momento em que tentava a carreira do Parlamento e da Política!... E o trabalho, a composição moral dos vetustos Ramires, a ressurreição arqueológica do viver afonsino, as cem tiras de alçaço a atulhar de prosa forte — não o assustavam... Não!, porque felizmente já possuía a «sua obra» — e cortada em bom pano, alinhavada com linha hábil. Seu tio Duarte, irmão de sua mãe (uma senhora de Guimarães, da Casa das Balsas), nos seus anos de ociosidade e imaginação, de 1845 a 1850, entre a sua carta de bacharel e o seu alvará de delegado, fora poeta — e publicara no «Bardo», semanário de Guimarães, um poemeto em verso

solto, o «Castelo de Santa Ireneia» que assinara com duas iniciais «D. B.» Esse castelo era o seu, o paço antiquíssimo, de que restava a negra torre entre os limoeiros da horta. E o poemeto cantava, com romântico garbo, um lance de altivez feudal em que se sublimara Tructesindo Ramires, alferes-mor de Sancho I, durante as contendas de Afonso II e das senhoras infantas. Esse volume do «Bardo», encadernado em marroquim, com o brasão dos Ramires, o açor negro em campo escarlate, ficara no Arquivo da Casa como um trecho da crónica heroica dos Ramires. E muitas vezes em pequeno Gonçalo recitara, ensinados pela mamã, os primeiros versos do poema, de tão harmoniosa melancolia:

*Na palidez da tarde, entre a folhagem
Que o outono amarelece...*

Era com esse sombrio feito do seu vago avoengo que Gonçalo Mendes Ramires decidira em Coimbra, quando os camaradas da «Pátria» e das ceias o aclamavam «o nosso Walter Scott», compor um romance moderno, de um realismo épico, em dois robustos volumes, formando um estudo ricamente colorido da Meia Idade portuguesa... E agora lhe servia, e com deliciosa facilidade, para essa novela curta e sóbria, de trinta páginas, que convinha aos «Anais».

No seu quarto do Bragança abriu a varanda. E debruçado, acabando o charuto, na dormente suavidade da noite de maio, ante a majestade silenciosa do rio e da Lua, pensava regaladamente que nem teria a canseira de esmiuçar as crónicas e os fólios maçudos... Com efeito, toda a reconstrução histórica a realizara, e solidamente, com um saber destro, o tio Duarte. O paço acastelado de Santa Ireneia, com as fundas carcovas, a torre albarrã, a alcáçova, a masmorra, o farol e o balsão:

o velho Tructesindo, enorme, e os seus flocos de cabelos e barbas ancestrais, derramados sobre a loriga de malha: os servos mouriscos, de surrões de couro, cavando os regueiros da horta; os oblatos resmungando à lareira as «Vidas dos Santos»; os pajens jogando no campo do tavolado — tudo ressurgia, com verídico realce, no poemeto do tio Duarte! Ainda recordava mesmo certos lances: o truão açoutado; o festim e os uchões que arrombavam as cubas de cerveja; a jornada de Violante Ramires para o Mosteiro de Lorvão...

*Junto à fonte mourisca, entre os ulmeiros,
A cavalgada pára...*

O enredo todo com a sua paixão de grandeza bárbara, os recontros bravios em que se saciam a punhal os rancores de raça, o heroico falar despedido de lábios de ferro — lá estavam nos versos do titi, sonoros e bem balançados...

*Monge, escuta! O solar de D. Ramires
Por si, e pedra a pedra, se aluíra,
Se jamais um bastardo lhe pisasse,
Com sapato aviltado, as lajes puras!*

Na realidade só lhe restava transpor as fórmulas fluidas do Romantismo de 1846 para a sua prosa tersa e máscula (como confessava o Castanheiro), de ótima cor arcaica, lembrando «O Bobo». E era um plágio? Não! A quem, com mais seguro direito do que a ele, Ramires, pertencia a memória dos Ramires históricos? A ressurreição do velho Portugal, tão bela no «Castelo de Santa Ireneia», não era obra individual do tio Duarte — mas dos Herculanos, dos Rebelos, das Academias, da erudição esparsa. E, de resto, quem conhecia hoje esse poemeto,

e mesmo o «Bardo», delgado semanário que perpassara, durante cinco meses, há cinquenta anos, numa vila de província?... Não hesitou mais, seduzido. E enquanto se despia, depois de beber aos goles um copo de água com bicarbonato de soda, já martelava a primeira linha do conto, à maneira lapidária da «Salambô»: «Era nos Paços de Santa Ireneia, por uma noite de inverno, na sala alta da alcáçova...»

Ao outro dia, procurou José Lúcio Castanheiro na repartição dos Próprios Nacionais, à pressa — porque, depois de uma conferência no Banco Hipotecário, ainda prometera acompanhar as primas Chelas a uma exposição de bordados na Livraria Gomes. E anunciou ao Patriota que, positivamente, lhe assegurava para o primeiro número dos «Anais» a novela, a que já decidira o título — «A Torre de D. Ramires»:

— Que lhe parece?

Deslumbrado, José Castanheiro atirou os magríssimos braços, resguardados pelas mangas de alpaca, até à abóbada do esguio corredor em que o recebera:

— Sublime!... «A Torre de D. Ramires»... O grande feito de Tructesindo Mendes Ramires, contado por Gonçalo Mendes Ramires!... E tudo na mesma Torre! Na Torre o velho Tructesindo pratica o feito; e setecentos anos depois, na mesma Torre, o nosso Gonçalo conta o feito! Caramba, menino, carambíssima!, isso é que é reatar a tradição!

Duas semanas depois, de volta a Santa Ireneia, Gonçalo mandou um criado da quinta, com uma carroça, a Oliveira, a casa de seu cunhado José Barrolo, casado com Gracinha Ramires, para lhe trazer da rica livraria clássica que o Barrolo herdara do tio deão da Sé, todos os volumes da «História Genealógica» — «e», acrescentava numa carta, «todos os cartapácios

que por lá encontrases com o título de *Crónicas do Rei Fulano...*» Depois, do pó das suas estantes, desenterrou as obras de Walter Scott, volumes desirmanados do «Panorama», a «História» de Herculano, «O Bobo», «O Monge de Cister». E assim abastecido, com uma farta resma de tiras de almaço sobre a banca, começou a repassar o poemeto do tio Duarte, inclinado ainda a transpor para a aspereza de uma manhã de dezembro, como mais congénere com a rudeza feudal dos seus avós, aquela luzida cavalgada de donas, monges e homens de armas que o tio Duarte estendera, através de uma suave melancolia outonal, pelas veigas do Mondego...

*Na palidez da tarde, entre a folhagem
Que o outono amarelece...*

Mas, como era então junho e a Lua crescia, Gonçalo determinou por fim aproveitar as sensações de calor, luar e arvoredos, que lhe fornecia a aldeia — para levantar, logo à entrada da sua novela, o negro e imenso Paço de Santa Ireneia, no silêncio de uma noite de agosto, sob o resplendor da lua cheia.

E já enchera desembaraçadamente, ajudado pelo «Bardo», duas tiras, quando uma desavença com o seu caseiro, o Manuel Relho, que amanhava a quinta por oitocentos mil réis de renda, veio perturbar, na fresca e noviça inspiração do seu trabalho, o Fidalgo da Torre. Desde o Natal o Relho, que durante anos de compostura e ordem se emborrachava sempre aos domingos com alegria e com pachorra, começara a tomar, três e quatro vezes por semana, bebedeiras desabridas, escandalosas, em que espancava a mulher, atroava a quinta de berros, e saltava para a estrada, esguedelhado, de varapau, desafiando a quieta aldeia. Por fim, uma noite em que Gonçalo, à banca, depois do chá, laboriosamente escavava os fossos do Paço de Santa Ireneia

— de repente a Rosa cozinheira rompeu a gritar: «Aqui d’el-rei contra o Relho!» E, através dos seus brados e dos latidos dos cães, uma pedra, depois outra, bateram na varanda venerável da livraria! Enfiado, Gonçalo Mendes Ramires pensou no revólver... Mas justamente nessa tarde o criado, o Bento, descera aquela sua velha e única arma à cozinha para a desenferrujar e arear! Então, atarantado, correu ao quarto, que fechou à chave, empurrando contra a porta a cómoda com tão desesperada ansiedade, que frascos de cristal, um cofre de tartaruga, até um crucifixo, tombaram e se partiram. Depois gritos e latidos findaram no pátio — mas Gonçalo não se arredou nessa noite daquele refúgio bem defendido, fumando cigarros, ruminando um furor sentimental contra o Relho, a quem tanto perdoara, sempre tão afavelmente tratara, e que apedrejava as vidraças da Torre! Cedo, de manhã, convocou o regedor; a Rosa, ainda trémula, mostrou no braço as marcas roxas dos dedos do Relho; e o homem, cujo arrendamento findava em outubro, foi despedido da quinta com a mulher, a arca e o catre. Imediatamente apareceu um lavrador dos Bravais, o José Casco, respeitado em toda a freguesia pela sua seriedade e força espantosa, propondo ao fidalgo arrendar a Torre. Gonçalo Mendes Ramires, porém, já desde a morte do pai, decidira elevar a renda a novecentos e cinquenta mil réis — e o Casco desceu as escadas, de cabeça descaída. Voltou logo ao outro dia, repercorreu miudamente toda a quinta, esfarelou a terra entre os dedos, esquadrinhou o curral e a adega, contou as oliveiras e as cepas: e num esforço em que lhe arfaram todas as costelas, ofereceu novecentos e dez mil réis! Gonçalo não cedia, certo da sua equidade. O José Casco voltou ainda com a mulher; depois, num domingo, com a mulher e um compadre — e era um coçar lento do queixo rapado, umas voltas desconfiadas em torno da eira e da horta, umas demoras sumidas dentro da tulha, que tornavam aquela

manhã de junho intoleravelmente longa ao Fidalgo, sentado num banco de pedra do jardim, debaixo de uma mimosa, com a «Gazeta do Porto». Quando o Casco, pálido, lhe veio oferecer novecentos e trinta mil réis — Gonçalo Mendes Ramires arremessou o jornal, declarou que ia ele, por sua conta, amañhar a propriedade, mostrar o que era um torrão rico, tratado pelo saber moderno, com fosfatos, com máquinas! O homem de Bravais, então, arrancou um fundo suspiro, aceitou os novecentos e cinquenta mil réis. À maneira antiga o fidalgo apertou a mão ao lavrador — que entrou na cozinha a enxugar um largo copo de vinho, esponjando na testa, nas cordoveias rijas do pescoço, o suor ansiado que o alagava.

Mas, como entulhada por estes cuidados, a veia abundante de Gonçalo estancou — não foi mais que um fio arrastado e turvo. Quando nessa tarde se acomodou à banca, para contar a sala de armas do Paço de Santa Ireneia por uma noite de lua — só conseguiu converter servilmente numa prosa aguada os versos lisos do tio Duarte, sem relevo que os modernizasse, desse majestade senhorial ou beleza saudosa àqueles maciços muros onde o luar, deslizando através das rexas, salpicava centelhas pelas pontas das lanças altas, e pela cimeira dos morriões... E desde as quatro horas, no calor e silêncio de domingo de junho, labutava, empurrando a pena como lento arado em chão pedregoso, riscando logo rancorosamente a linha que sentia deselegante e mole, ora num rebuliço, a sacudir e reenfiar sob a mesa os chinelos de marroquim, ora imóvel e abandonado à esterilidade que o travava, com os olhos esquecidos na Torre, na sua difícilíssima Torre, negra entre os limoeiros e o azul, toda envolta no piar e esvoaçar das andorinhas.

Por fim, descoroçoado, arrojou a pena que tão desastrosamente emperrara. E fechando na gaveta, com uma pancada, o volume precioso do «Bardo»:

— Irra! Estou perfeitamente entupido! É este calor! E depois aquele animal do Casco, toda a manhã!...

Ainda releu, coçando sombriamente a nuca, a derradeira linha rabiscada e suja:

— «... Na sala altaneira e larga, onde os largos e pálidos raios da lua...» Larga, largos!... E os pálidos raios, os eternos *pálidos raios!*... Também este maldito castelo, tão complicado!... E este D. Tructesindo, que eu não apanho, tão antigo! Enfim, um horror!

Atirou, num repelão, a cadeira de couro: cravou, com furor, um charuto nos dentes — e abalou da livraria, batendo desesperadamente a porta, num tédio imenso da sua obra, daqueles confusos e enredados Paços de Santa Ireneia, e dos seus avós, enormes, ressoantes, chapeados de ferro, e mais vagos que fumos.